

## Convulsão e as possibilidades na homeopatia

### Seizure and possibilities in homeopathy

DOI:10.34117/bjdv7n11-275

Recebimento dos originais: 18/10/2021

Aceitação para publicação: 18/11/2021

#### **Tatiana Natacci da Rocha Pelizzon**

Pós-graduada em Homeopatia Clínica e Tecnologia das Altas Diluições High Dilution Science

Condomínio Palmeiras Imperiais – Lote B-04, Itapecerica, Salto/SP

E-mail: [tativet15@gmail.com](mailto:tativet15@gmail.com)

#### **Adalberto do Carmo Braga Von Ancken**

Doutor em Patologia Ambiental e Experimental pela Universidade Paulista/ Mestre em Bem-estar e Medicina Veterinária pela Universidade de Santo Amaro / High Dilution Science

Rua Antônio de Barros, 1705, Tatuapé, São Paulo/SP

E-mail: [acbvonancken@hotmail.com](mailto:acbvonancken@hotmail.com)

#### **Cideli de Paula Coelho**

Doutora em Ciências pela FMVZ-USP / Pós-doutorado em Patologia Ambiental e Experimental

Professora Universidade de Santo Amaro/ High Dilution Science

Rua Amazonas, 1245, São Caetano do Sul/SP

E-mail: [cpcoelho@prof.unisa.br](mailto:cpcoelho@prof.unisa.br)

### **RESUMO**

Convulsões podem ser resultado de falhas na condução elétrica encefálica, decorrentes de alterações nos níveis de neurotransmissores. São as alterações neurológicas mais comuns na rotina clínica de pequenos animais, totalizando aproximadamente 1% a 2% dos casos atendidos. A ocorrência pontual de convulsões é classificada apenas como crise convulsiva. A repetição de convulsões em frequência elevada é classificada como epilepsia. Para o controle de crises convulsivas, há inúmeras possibilidades para o tratamento. Os medicamentos alopáticos mais utilizados em cães são o fenobarbital e brometo de potássio. Porém, por produzirem muitos efeitos colaterais, sugere-se a possibilidade da utilização da homeopatia nesses casos em medicina veterinária, para o controle das crises convulsivas sem efeitos colaterais. O objetivo desse trabalho foi mostrar de maneira prática, os principais medicamentos homeopáticos e suas peculiaridades a despeito dos quadros convulsivos nos animais.

**Palavras-chave:** Homeopatia, Convulsão, Tratamento.

### **ABSTRACT**

Seizures may be the result of failures in brain electrical conduction resulting from changes in neurotransmitter levels. These are the most common neurological alterations in the clinical routine of small animals, totaling approximately 1% to 2% of the cases treated. The punctual occurrence of seizures is classified only as convulsive crisis. The repetition

of seizures in high frequency is classified as epilepsy. For the control of seizures, there are numerous possibilities for treatment. The most commonly used allopathic medicines in dogs are phenobarbital and potassium bromide. However, because they produce many side effects, it is suggested the possibility of using homeopathy in these cases in veterinary medicine, for the control of seizures without side effects. The objective of this work was to show in a practical way the main homeopathic medications and their peculiarities despite the convulsive conditions in the animals.

**Keywords:** Homeopathy, seizures, treatment.

## 1 INTRODUÇÃO

A convulsão não é classificada como uma doença e sim como um sinal clínico de uma disfunção na substância cinzenta do cérebro (KENT, 2011; PLATT, 2012).

As convulsões são classificadas como distúrbios paroxísticos, resultantes de uma falha na condução elétrica no cérebro, devido à uma excessiva descarga elétrica. São as alterações neurológicas mais comuns na clínica de pequenos animais, acometendo aproximadamente 1% a 2% dos cães e gatos atendidos na rotina. A ocorrência pontual de convulsões é classificada apenas como crise convulsiva. Porém, quando essas crises se repetem com uma frequência elevada, ela é classificada como epilepsia (SCHRIEFL et al., 2008).

Esse trabalho tem como objetivo revisar os principais medicamentos homeopáticos que podem ser utilizados no tratamento das crises convulsivas em animais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 CONVULSÃO

A convulsão é definida como um comportamento clínico anormal, em consequência de uma descarga elétrica, paroxística, incontrolável e momentânea nos neurônios cerebrais, resultando, principalmente, em contrações musculares involuntárias de todo o corpo ou de partes dele. As manifestações clínicas de uma crise convulsiva estão relacionadas ao tipo de convulsão e às regiões cerebrais afetadas pela descarga elétrica (BLOOR, 2013; CHERUBINI et al., 2002).

Uma vez iniciada, a descarga elétrica convulsiva pode estimular outros neurônios e afetar áreas cerebrais circunvizinhas. Com isso, as crises convulsivas costumam ocorrer em resposta a desequilíbrios metabólicos, intoxicações ou pela presença de cicatrizes após traumatismos, que atuam como focos de produção de descargas elétricas anormais, se

propagando para o encéfalo (CHERUBINI et al., 2002; LORENZ; COATES; KENT, 2011).

A epilepsia é uma afecção caracterizada por convulsões recorrentes e sem nenhuma alteração morfológica cerebral, sendo, portanto, denominada de epilepsia verdadeira, idiopática, funcional ou primária. Quando as crises convulsivas ocorrem por alguma lesão cerebral, tem-se a epilepsia sintomática, adquirida ou secundária. Entretanto, na prática clínica, o tratamento da epilepsia verdadeira e da sintomática costuma ser o mesmo (BERENDT, 2008; BERENDT et al., 2015). A epilepsia idiopática é sub classificada em 3 tipos: genética (histórico genético demonstrado), suspeita genética (evidência de alta prevalência de raça ou associação familiar) e epilepsia de origem desconhecida (causa subjacente não identificada e ausência de epilepsia estrutural). A epilepsia estrutural é caracterizada pela presença de patologia cerebral ou intracraniana subjacente. Convulsões reativas não são consideradas como epilepsia, mas respostas do cérebro normal a uma perturbação transitória em função (ou seja, metabólica ou tóxica) que é reversível quando a causa ou perturbação é corrigida. Epilepsia idiopática é diagnóstico de exclusão. (HERLEN; POTCSCHKA; VOLK; SAUTER-LOUIS; O'NEILL, 2020).

## 2.2 HOMEOPATIA

Definida como uma forma complementar para tratamento de diversas doenças, a homeopatia é uma especialidade médica, um sistema terapêutico, que afirma que os semelhantes se curam pelos semelhantes ("Similia similibus curantur"). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a homeopatia é o segundo sistema médico mais utilizado internacionalmente em humanos (MALIK, 2015).

Na medicina veterinária, Hahnemann atestou a cura de seu cavalo baseado no princípio da semelhança e proferiu: "Se as leis que proclamo são as da Natureza, elas serão válidas para todos seres vivos". Desde então, Hahnemann também estudou a homeopatia nos animais e em 1815, apresentou o trabalho intitulado "O tratamento homeopático dos animais domésticos" em uma conferência realizada em Leipzig. Foi nessa época, portanto, que o emprego da homeopatia em medicina veterinária teve início segundo os mesmos princípios básicos publicados em seu livro "O Órganon da arte de curar", no ano de 1810 (PUSTIGLIONE, 2010). Anos depois, essas ideias foram retomadas por alguns veterinários que a modificaram e a melhoraram (PIRES, 2005).

Homeopatia busca a cura dos doentes através de remédios preparados em altas diluições que são capazes de produzir no indivíduo sadio sintomas semelhantes aos da doença que deve curar em um indivíduo enfermo. É baseada em quatro pilares, que são: Lei da semelhança, experimentação no indivíduo são, remédio único e doses infinitesimais, a partir de subsequentes diluições e vigorosas agitações antes de ser ingerido. (PUSTIGLIONE, 2010)

A homeopatia veterinária segue os mesmos princípios e leis da homeopatia humana. Dessa forma, os medicamentos homeopáticos são prescritos para o animal a partir de generalidades e sintomas individualizados. Para tanto, a conduta do médico veterinário homeopata é qualificar o paciente a partir de uma repertorização, determinando os principais sintomas oriundos da doença, mas sempre buscando tratar o animal e não a doença. (FONTES, 2012).

No organismo, os medicamentos diluídos promoverão uma resposta imunomodulatória, graças a sensibilização do eixo psico-neuro-endócrino-imunitário (energia vital) do paciente (ALMEIDA; WERKMAN; CANETTIERI, 2006). Com isso, acredita-se que uma doença artificial energética e não tóxica inicia-se no organismo, e por ser semelhante à doença natural, evocará uma resposta secundária deste organismo, manifestada por meio do sistema imune que a combaterá (ALMEIDA; WERKMAN; CANETTIERI, 2006).

Os medicamentos homeopáticos utilizados nos animais, são os mesmos usados para humanos, produzidos a partir de substâncias animais, vegetais ou minerais diluídas e dinamizadas. (VIJNOVSKY, 2003). Porém, preconiza-se o uso da medicação em glóbulos ou baixas concentração hidro alcóolica.

### 2.3 HOMEOPATIA E A CONVULSÃO

A Homeopatia, vem sendo utilizada em humanos há algum tempo e tem apresentado bons resultados tanto por controlar as crises e quanto por não produzirem efeitos adversos como os da terapia convencional. Os medicamentos homeopáticos mais utilizados para o controle das convulsões em humanos são o Absinto (*Artemisia absinthium*), a Artemísia (*Artemisia vulgaris*), Silicea, *Calcarea arsenicosa*, plantas do gênero *Cocculus*, o *Hyoscyamus niger*, *Cicuta virosa*, *Cuprum metallicum* e a *Belladonna* (*Atropa belladonna*). (VARSHNEY, 2007; TORRO, 2020). Na medicina veterinária, há uma variação desses medicamentos, tendo em vista que os animais não relatam ilusões ou sensações (subjetivo).

### 3 MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS

Uma breve explanação dos medicamentos mais indicados para convulsão, transpassando para a Medicina Veterinária, e uma tabela comparativa, facilitando o entendimento e decisão do medicamento a ser melhor utilizado, individualizando o animal.

#### 3.1 ARTEMISIA VULGARIS (ART-V)

Doenças convulsivas em animais jovens, mas frequente em fêmeas. Epilepsia sem Aura, com várias convulsões consecutivas, estado catatônico (TORRO, 2006).

Precedida por gritos agudos, mantém a cabeça jogada para trás, olhos voltados para cima, semiabertos, espuma bucal, mordendo a língua, com micção e evacuação involuntária (TORRO, 2006).

Em distúrbios no cio, apresentando quadro noturno com trismo violento ferindo os dentes. Sono longo e profundo após um ataque (TORRO, 2006).

#### 3.2 BELLADONA (BELL)

Violentas convulsões, desencadeadas por luz, correntes de ar ou friagens. Movimentos convulsivos da face com distorção da boca. Quanto mais congestão mais excitabilidade (TORRO, 2006).

Podem ocorrer convulsões isoladas, mas não é um remédio para epilepsia. Normalmente onde existe um agudo de Belladona vais existir um crônico de calcárea (TORRO, 2006).

#### 3.3 BUFO RANA (BUFO)

Irritável, especialmente antes do ataque epilético (VIJNOVSK, 2003). “Nenhum remédio foi mais útil no tratamento da convulsão (CLARKE).

As convulsões aparecem em geral dormindo, depois do coito, depois de um acesso de ira, por um susto, excitação sexual, na lua nova. Precedido o ataque, o indivíduo está mais irritável, com midríase, esfrega o nariz. Instantes antes os membros ficam rígidos. As convulsões começam no rosto ou abdômen. Durante o ataque, urina-se, violentos movimentos dos membros, inconsciência total. Depois, do ataque, sono profundo, membros frios e rosto quente e permanece inconsciente (VIJNOVSK, 2003).

### 3.4 CALCAREA ARSENICOSA (CALC-ARS)

Indicada para os casos mais violentos e tenazes de epilepsia. Grande debilidade mental e física. Animal fica paralítico e com tremores. Paciente perde a voz antes de uma convulsão (LATHOUD, 2017).

Convulsões com enfermidades nas válvulas cardíacas. Agravação: tarde e noite. Sensível ao frio, por falta de calor vital (LATHOUD, 2017).

### 3.5 CALCAREA CARBÔNICA (CALC)

O indivíduo que vibra em Calcarea, apresenta muito medo com tremor, todo seu metabolismo é lento, e por isso acaba sendo um animal friorento (TORRO, 2006).

### 3.6 CAUSTICUM (CAUST)

Principal característica é a debilidade, chegando a paralisias. Medo com tremor. Sonolentos e cansados durante o dia e inquietos a noite. Animal tem desde convulsões de cabeça e tremores de membros até as crises epiléticas por ruído, susto, temor, banho frio, ou qualquer outra emoção. Convulsiona também na lua cheia (TORRO, 2006).

### 3.7 CICUTA VIROSA (CIC)

Convulsões que sejam excessivamente violentas, tanto epileticas, catalépticas, clônicas ou tônicas. Há perda de consciência e a cabeça é estirada para trás (opistótono) (GUERNSEY).

Cicuta começa suas convulsões do centro do corpo para a periferia, e de cima para baixo, normalmente a partir da cabeça e olhos, descendo para as costas em fortes contrações (KENT).

Normalmente entre os ataques, o animal está alegre e brincando.

### 3.8 CUPRUM METALLICUM (CUPR)

Convulsões se espalham da extremidade para o centro, iniciando como câimbras nos dedos e mãos, subindo pelo corpo; tem convulsões de todos os músculos do corpo (KENT).

A palavra-chave do medicamento é espasmo. Quando o espasmo pára, fica parecendo morto, e as vezes custa a voltar a respirar (VIJNOVSK, 2003).

### 3.9 HYOSCIAMUS (HYOS)

Nesses pacientes, as convulsões ocorrem após as refeições, após um susto, durante o sono e durante o parto. Podem haver convulsões locais também, como sacudidas, nistagmo. Os espasmos são mais tônicos do que clônicos. Sono muito agitado, podendo chegar a ter convulsões (TORRO, 2006).

### 3.10 Nux-vomica (Nux-v)

Convulsões agravadas pelo contato, ruído ou luz. Convulsões violentas com opistótono, conscientes, ou semiconscientes, desencadeadas pelo menor ruído, toque ou luz. Trismo mandibular (TORRO, 2006).

### 3.11 OENANTHE CROCATA (OENA)

As convulsões características deste medicamento não apresentam aura, com perda de consciência brusca e completa, com face pálida (cianótica ou vermelha), com gritos, olhar fixo ou olhos desviados para cima, midríase, com respiração estertorosa, com quedas, principalmente para trás, às vezes pulso lento e priapismo (VIJNOVSK, 2003).

Os acessos aparecem principalmente à noite com sono intenso entre uma convulsão e outra (VIJNOVSK, 2003).

### 3.12 PLUMBUM (PLB)

Indivíduo com uma percepção lenta, com torpor mental. Expressa grande ansiedade e sofrimento (BOERICKE, 1999).

### 3.13 SILICEA (SIL)

Segundo Clarke, grande medicamento a ser pensado na epilepsia.

O Indivíduo que vibra em Silicea, são enfraquecidos, friorentos, hipersensível, debilitado e magro, com grande tendência a supurações (BOERICKE, 1999).

### 3.14 STRYCHNINUM PURUM (STRY)

Sua função primária é estimular os centros motores e a ação reflexiva da medula espinhal. A estricnina estimula o sistema nervoso central, a respiração aumenta, todos os reflexos ficam mais ativos, com extremidades frias, convulsões tetânicas com opistótono (BOERICKE, 1999).

Agravação: pela manhã; ao menor toque; ruído; movimento; depois das refeições.  
 Melhora: deitado de costas (BOERICKE, 1999).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homeopatia mostra-se através desse estudo uma terapia viável e efetiva no tratamento dos casos de convulsão, do qual representa a alteração neurológica mais comum na rotina do Médico Veterinário, não provocando efeitos adversos, nem lesões hepáticas comuns no tratamento convencional, tratando o animal como um todo.

O tratamento homeopático visa reduzir e controlar as crises convulsivas, não tendo um remédio único para o tratamento e controle delas, mas sim a individualização do animal, dependendo do comportamento do indivíduo na sua totalidade e quando está apresentando um quadro convulsivo.

Tabela 1. Medicamentos homeopáticos utilizados para tratar convulsões na Medicina Veterinária.

Medicamento	Tipo	Causa	Sintomas
Artemisia vulgaris (Art-v)	Clônica	Susto <sup>1</sup> , Trauma <sup>1</sup> , durante o cio <sup>2</sup>	<u>Precede</u> : Grito <sup>2</sup> e micção <sup>1</sup> <u>Durante</u> : espuma na boca <sup>2</sup> <u>Após</u> : sono longo e profundo.
Belladonna (Bell)	Tônico <sup>3</sup> /Clônicas <sup>3</sup> Alternando <sup>1</sup>	Cólera <sup>1</sup> , hiperexcitação <sup>2</sup> , Susto <sup>1</sup> , antes <sup>1</sup> e durante o cio <sup>2</sup>	<u>Precede</u> : Grito <sup>1</sup> ; <u>Durante</u> : Tosse <sup>1</sup> , inconsciência <sup>2</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , rigidez tetânica <sup>2</sup> , espuma na boca <sup>1</sup> <u>Após</u> : Vômito <sup>1</sup> , paralisia de membros <sup>2</sup>
Bufo rana (Bufo)	Clônica <sup>3</sup> /Tônica <sup>3</sup>	Após cólera <sup>1</sup> , antes do cio <sup>2</sup> , durante o coito <sup>2</sup>	<u>Durante</u> : incoscência <sup>3</sup> , ranger de dentes <sup>2</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> , gritos <sup>2</sup> , enurese involuntária <sup>3</sup> , começa no abdomen <sup>2</sup> e face <sup>2</sup> , com movimentos de enrolar a língua <sup>2</sup>
Calcarea carbônica (Calc)	Tônico <sup>2</sup> /Clônica <sup>2</sup>	Cólera <sup>2</sup> , Medo <sup>3</sup> , Susto <sup>3</sup>	<u>Precede</u> : Grito <sup>1</sup> <u>Durante</u> : Tosse <sup>2</sup> , rigidez têtânica <sup>2</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , inconsciência <sup>3</sup> <u>Após</u> : vômito
Causticum (Caust)	Clônica <sup>2</sup> /Tônica <sup>2</sup>	Medo <sup>2</sup> , susto <sup>2</sup> , Antes do cio <sup>2</sup> , durante o cio <sup>1</sup> Horário: manhã/noite	<u>Precede</u> : Grito <sup>2</sup> , micção <sup>2</sup> <u>Durante</u> : rigidez têtânica <sup>1</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , inconsciência <sup>2</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> <u>Após</u> : micção <sup>1</sup> , paralisia de membros <sup>3</sup>
Cicuta virosa (Cic)	Clônica <sup>3</sup> /Tônica <sup>2</sup>	Hiperexcitação <sup>1</sup> , medo <sup>1</sup> , susto <sup>1</sup> , trauma <sup>2</sup> Horário: noite	<u>Precede</u> : Grito <sup>2</sup> <u>Durante</u> : grito <sup>3</sup> , rigidez tetânica <sup>3</sup> , inconsciência <sup>3</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> <u>Após</u> : paralisia de membros <sup>3</sup>

Cuprum metallicum (Cupr)	Clônica <sup>3</sup> /Tônica <sup>1</sup>	Cólera <sup>3</sup> , hiperexcitação <sup>2</sup> , medo <sup>1</sup> , susto <sup>2</sup> , trauma <sup>1</sup> , antes do cio <sup>2</sup> , durante o cio <sup>2</sup> Horário: noite	<u>Precede</u> : vômito <sup>2</sup> , grito <sup>2</sup> , micção <sup>2</sup> <u>Durante</u> : grito <sup>2</sup> , rigidez tetânica <sup>2</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , inconsciência <sup>2</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> <u>Após</u> : vômito <sup>2</sup> , tosse <sup>2</sup> , micção <sup>2</sup> , paralisia de membros <sup>3</sup>
Hyosciamus (Hyos)	Clônica <sup>3</sup> /tônica <sup>1</sup>	Hiperexcitação <sup>3</sup> , susto <sup>3</sup> , após comer <sup>1</sup> , antes do cio <sup>2</sup> , durante o cio <sup>2</sup> Horário: noite	<u>Precede</u> : grito <sup>3</sup> , micção <sup>3</sup> <u>Durante</u> : grito <sup>3</sup> , tremor <sup>2</sup> , rigidez tetânica <sup>2</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , inconsciência <sup>3</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> <u>Depois</u> : paralisia de membros <sup>2</sup>
Nux-vomica (Nux-v)	Clônica <sup>1</sup> / tônica <sup>1</sup> Alternando <sup>1</sup>	Cólera <sup>3</sup> , hiperexcitação <sup>2</sup> , após comer <sup>1</sup> , durante o cio <sup>2</sup> lorário: manhã e noite.	<u>Precede</u> : grito <sup>2</sup> , micção <sup>1</sup> <u>Durante</u> : gritos <sup>2</sup> , rigidez tetânica <sup>3</sup> , consciência preservada <sup>2</sup> <u>Depois</u> : paralisia de membros <sup>2</sup>
Oenanthe crocata (Oena)	Clônica <sup>2</sup>	Durante a gestação <sup>2</sup> , durante o cio <sup>3</sup>	<u>Precede</u> : gritos <sup>1</sup> <u>Durante</u> : gritos <sup>2</sup> , inconsciência <sup>3</sup> , rigidez têtânica <sup>2</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> <u>Após</u> : fraqueza <sup>2</sup>
Plumbum (Plb)	Clônica <sup>3</sup> /Tônica <sup>2</sup>	Durante o cio <sup>1</sup> Horário: 5hs/9-10hs e a noite	<u>Precede</u> : vômito <sup>1</sup> , micção <sup>2</sup> <u>Durante</u> : rigidez tetênica <sup>2</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , inconsciência <sup>3</sup> , espuma na boca <sup>1</sup>
Silicea (Sil)	Clônica <sup>2</sup> /Tônica <sup>1</sup>	Medo <sup>1</sup> , Susto <sup>1</sup> , trauma <sup>1</sup> Horário: noite	<u>Durante</u> : gritos <sup>2</sup> , consciência preservada <sup>1</sup> , inconsciência <sup>2</sup> , espuma na boca <sup>2</sup> <u>Após</u> : paralisia de membros <sup>2</sup>
Strychninum purum (Stry)	Clônica <sup>1</sup> /Tônica <sup>1</sup>		<u>Durante</u> : consciência preservada <sup>1</sup> , espuma na boca <sup>2</sup>

- 1- Baixa frequência da medicação
- 2- Frequência intermediária
- 3- Alta frequência da medicação.

Fonte: LATHOUD, 2017

## REFERÊNCIAS

BERENDT, M. et al. International veterinary epilepsy task force consensus report on epilepsy definition, classification and terminology in companion animals. *BMC Veterinary Research*, v. 11, n. 1, p. 182, 2015.

CHRISMAN, C. Ataques convulsivos. In: CHRISMAN, C. et al. (Eds.). *Neurologia para o clínico de pequenos animais*. São Paulo: Roca, 2005. p. 83–110.

FONTES, O. L. *Farmácia homeopática: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Editora Manole, 2012.

MALIK, N. Worldwide Status and Growth of Homeopathy: World Health Organisation, Development, Global Scenario, TimeLine, Popularity. Disponível em: <<https://drnancymalik.wordpress.com/article/status-of-homeopathy/>>

TORRES, B. B. J. et al. Atualização em epilepsia canina - Parte I: Classificação , etiologia e diagnóstico. *MEDVEP. Revista Científica de Medicina Veterinária. Pequenos Animais e Animais de Estimação*, v. 9, n. 29, p. 1–9, 2011.

VIJNOVSKY, B. *Tratado de Matéria Médica Homeopática*. São Paulo: Organonbooks, 2003.

FILHO, A. *Repertório de Homeopatia*. São Paulo; Ed. Organon; 2018

TORRO, A. *Repertório Homeopático para Médicos Veterinários*. São Caetano do Sul; Ed: do Autor 2006.

LATHOUD, J. A. *Estudos de Matéria Médica Homeopática*. São Paulo; Ed: Organon, 2017.

SANKARAN, R. *A Essência dos Remédios Homeopáticos*. São Paulo; Ed: Organon, 2019.

<http://homeoint.org/books/boericmm/p/plb.htm>

<http://homeoint.org/books/boericmm/s/stry.htm>

<http://homeoint.org/books/boericmm/s/sil.htm>

<https://www.abrahcon.com/materia-medica/pt/artemisia-vulgaris-27>

Convulsões em cães sob cuidados veterinários primários no Reino Unido: Etiologia, testes diagnósticos e gerenciamento clínico - Erlen - 2020 - *Journal of Veterinary Internal Medicine* - Wiley Online Library